Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Aula 11, Apocalipse 6 Os Selos do Pergaminho

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu ensino sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 11, Apocalipse 6, Os Pergaminhos Selos.

Apocalipse capítulo 6, que registra os eventos que acontecem quando os selos do livro do capítulo 5 são liberados e abertos, é assim.

Observei o Cordeiro abrir o primeiro dos sete selos. Então ouvi um dos quatro seres viventes dizer, com voz de trovão: Vem. Olhei e diante de mim estava um cavalo branco. Seu cavaleiro segurava um arco e recebeu uma coroa. Ele partiu como um conquistador empenhado em conquistar.

Quando o Cordeiro abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizer: Vem. Então apareceu outro cavalo, um cavalo vermelho-fogo. Ao seu cavaleiro foi dado o poder de tirar a paz da terra e de fazer com que os homens se matassem uns aos outros.

Para ele foi dada uma grande espada. Quando o Cordeiro abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizer: Vem. Olhei e diante de mim estava um cavalo preto; seu cavaleiro segurava uma balança na mão.

Então ouvi o que parecia ser uma voz entre os quatro seres viventes, dizendo: Um litro de trigo por um dia de salário, e três litros de cevada por um dia de salário, e não danifiquem o azeite e o vinho. Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizer: Vem. Olhei e diante de mim estava um cavalo amarelo; seu cavaleiro se chamava Morte, e Hades o seguia logo atrás.

Eles receberam poder sobre um quarto da terra para matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra. Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que foram mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que deram. Eles clamaram em alta voz: Até quando, Soberano Senhor, santo e verdadeiro, até que você julgue os habitantes da terra e vingue nosso sangue.

Então, cada um deles recebeu uma túnica branca e foi-lhes dito que esperassem um pouco mais até que o número de seus conservos e irmãos que seriam mortos, como haviam sido, se completasse. Observei enquanto ele abria o sexto selo. Houve um grande terremoto, o sol ficou preto como um saco feito de pêlo de cabra, e a lua inteira ficou vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram na terra, como figos tardios caem de uma figueira quando sacudidos por um vento forte.

O céu recuou como um pergaminho, enrolando-se, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares. Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos, e todos os escravos e todos os homens livres se esconderam em cavernas e entre as rochas das montanhas. Eles clamaram aos montes e às rochas: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro.

Pois chegou o grande dia da ira, e quem poderá resistir? Uma das perguntas que mais se interessa em fazer e tentar responder é dupla. Primeiro, o que são esses selos, especialmente aqueles associados aos quatro cavalos? E segundo, quando isso ocorreu? São coisas que já aconteceram? João está descrevendo uma série futura de selos ou uma série de eventos que ocorrerão? Quando isso aconteceu e o que são exatamente esses selos, especialmente os primeiros quatro cavalos? Uma coisa que penso que precisamos de começar é perceber que precisamos de ser cautelosos ao tentar identificá-los, exatamente o que são e exatamente quando ocorreram ou irão ocorrer. Porque 2.000 anos depois, estamos lendo algo que somos estrangeiros investigando.

Estamos olhando quase 2.000 anos para trás, para algo que o primeiro escritor e os primeiros leitores provavelmente teriam compreendido em grande parte. E agora, 2.000 anos depois, olhamos para isto e tentamos entendê-lo. Então, acho que é preciso bastante cautela, reconhecendo a diferença de gênero e a distância histórica que enfrentamos ao tentar superar.

Mas quero sugerir desde já que acho que o capítulo 6 de Apocalipse está fazendo isso. A minha tese é que o julgamento de Deus está a ser derramado sobre o império idólatra, ímpio e opressivo de Roma e sobre a sua economia. E qualquer outra nação ou qualquer outro povo que participe no erro de Roma, mas também qualquer outra nação, porque, como vimos, porque esta série de selos conduz à segunda vinda de Cristo, o selo número 6 nos leva ao grande dia da ira de Deus no fim da história.

Por isso, eu sugeriria, portanto, que embora Roma seja o centro das atenções, o autor pega uma situação e a coloca no contexto do julgamento final, do dia do Senhor, do grande dia da ira de Deus, portanto, qualquer outro povo ou qualquer outra nação que participe e repita o erro de Roma em qualquer momento da história, também poderia ser referido, não que João tenha visto diferentes impérios sucessivos, mas que ele usa imagens que vão até o segundo vinda de Cristo. Portanto, qualquer pessoa, como diz Richard Baucom, qualquer pessoa a quem o boné profético sirva deve usá-lo. Como já dissemos, os primeiros quatro selos andam juntos.

E a razão é que, como dissemos logicamente, veremos todos esses eventos se relacionarem entre si, resultarem uns dos outros. E segundo, todos estão unidos à

imagem de um cavalo que cavalga pela terra. O pano de fundo, um dos principais cenários para a imagem do cavalo, novamente, é o Antigo Testamento.

Se você voltar ao capítulo 6 de Zacarias, e como vimos, estou convencido de que João realmente teve uma visão desses cavalos, mas ele os interpreta claramente à luz de outras visões proféticas em seus predecessores proféticos para deixar claro e interpretar e descrever para seus leitores exatamente o que ele viu. E em Zacarias capítulo 6, que também, como profeta, também muito parecido com Ezequiel, muito disso está na forma de uma visão, uma espécie de precursor de obras apocalípticas posteriores, como Daniel e Apocalipse, o primeiro Enoque que lemos. um pouco antes. Mas aqui está o que Zacarias diz, capítulo 6, e lerei os primeiros oito versículos.

Olhei para cima novamente e diante de mim havia quatro carros saindo de entre duas montanhas, montanhas de bronze. Os primeiros carros tinham cavalos vermelhos, os segundos cavalos pretos, os terceiros brancos e os quartos malhados, todos poderosos. Perguntei ao anjo que falava comigo: O que é isso, meu Senhor? O anjo me respondeu: Estes são os quatro espíritos do céu saindo da presença do Senhor e do mundo inteiro; aquele com o cavalo preto vai para o norte, aquele com o cavalo branco vai para o oeste, aquele com o malhado vai para o sul.

E quando os cavalos poderosos saíram, eles se esforçaram para percorrer toda a terra. E ele lhes disse: Ide por toda a terra, e eles percorreram a terra. Então ele me chamou: Olha, aqueles que vão para o país do norte deram descanso ao meu espírito na terra do norte.

Meu objetivo ao ler isso é simplesmente demonstrar que, embora João pareça fazer algo um pouco diferente deles, João extrai suas imagens e a descrição de sua visão do texto, especialmente um como Zacarias, capítulo 6. Mas acho que João também pode ter outro texto em mente, e esse é outro lugar onde encontramos um relato mais específico dos tipos de pragas e coisas com as quais João identifica os cavalos é encontrado no discurso escatológico de Jesus em Mateus 24. Bem no início do ensino de Jesus em Mateus 24, ele começa a contar coisas que devem acontecer antes do fim. Estes não são apenas sinais de tribulação que garantem que estamos no fim.

Na verdade, Jesus diz o contrário. É interessante, diz ele; estas coisas têm que acontecer, mas o fim ainda não chegou. Portanto, não se engane ao ver essas coisas.

Geralmente é o oposto do que fazemos hoje. Vemos terremotos, guerras e fomes, e estamos convencidos de que isto deve ser o fim. Mas Jesus alertou contra isso e disse: Não se deixem enganar.

Essas coisas devem acontecer. Sim, há sinais de que o fim está chegando, mas eles têm que acontecer e não devem ser confundidos com o próprio fim. Então aqui estão os sinais que Jesus diz que acontecerão.

E penso que Jesus está a sugerir que estes são os tipos de coisas que caracterizarão a história da igreja, a história do povo de Deus, até à vinda de Cristo, quando ele regressar para levar a história à sua consumação. Então, a partir do versículo 4 do capítulo 24, Cuidado, pois, para que ninguém vos engane, porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo e enganarei a muitos. Você ouvirá falar de guerras e rumores de guerras.

Portanto, tenha isso em mente, guerras e rumores de guerras. Mas tome cuidado para não ficar alarmado. Tais coisas devem acontecer, mas o fim ainda está por vir.

Nação se levantará contra nação, e reino contra reino. Haverá fomes e terremotos em vários lugares. Todas estas coisas são o início das dores do parto.

Então, você será entregue para ser perseguido e condenado à morte. Você será odiado pelas nações por minha causa. Naquela época, muitos se afastarão, trairão e odiarão uns aos outros, e muitos falsos profetas aparecerão e enganarão muitas pessoas.

Por causa do aumento da iniquidade, o amor de muitos esfriará. E vou parar por aí. Mas quero chamar a sua atenção para algumas das coisas que Jesus menciona e que acabamos de ler nos quatro cavalos, nas focas ou nas pragas das focas que estão relacionadas com os quatro cavalos.

Observe a ênfase de Jesus na guerra e nos rumores de guerra, bem como na nação se levantando contra nação, reino contra reino. Observe a menção à morte. Observe a menção à fome também.

Tudo isso emerge no capítulo 6, de modo que muito provavelmente, junto com textos como Zacarias 6, João provavelmente está ciente do próprio discurso escatológico de Jesus e dos tipos de coisas que aconteceriam e que funcionariam como prelúdios para a vinda de Cristo, para a segunda vinda, ou para o dia do Senhor que viria no futuro. Agora, o que quero fazer é pensar e observar cada um dos quatro cavalos, especialmente os outros dois selos, fazer perguntas sobre o que esses selos podem significar e examinar possíveis informações básicas que possam nos ajudar a descobrir exatamente o que está acontecendo. Como são esses julgamentos sobre o mundo? De que forma o Cordeiro está agora derramando o seu julgamento sobre a humanidade? Como disse, estou convencido de que, principalmente, o capítulo 6 pretende ser um julgamento sobre a maneira de Roma fazer as coisas.

Este é o julgamento de Deus sobre um império que é idólatra, perverso, opressor e violento, ao julgar a sua economia, ao julgar todo o seu império e a forma como está a fazer as coisas. Então, começando com o cavalo número um, ou selo número um, e esse é o cavalo branco. Agora, o cavalo branco é descrito como aquele que sai e conquista, que está empenhado em conquistar, e que usa uma coroa e tem um arco.

Curiosamente, existem algumas maneiras de entender isso, seja negativa ou positivamente. Alguns realmente levaram isso de forma positiva e disseram que este primeiro cavalo na verdade se refere à pessoa de Jesus Cristo, que também usa uma túnica branca e cavalga e vence, em Apocalipse capítulo 19 e versículos 11 e seguintes. E assim, alguns estão convencidos de que esta é uma imagem de Jesus Cristo que sai e vence.

E houve outras sugestões positivas sobre como entendemos isso. Alguns sugeriram que esta é uma imagem do triunfo do evangelho ou algo parecido. No entanto, o que é intrigante é que os outros três cavalos, como veremos, e como você percebeu ao ler, os outros três cavalos parecem claramente negativos e claramente imagens de julgamento.

Portanto, há uma boa razão para considerar este primeiro cavalo também como uma imagem de julgamento. E especialmente se quisermos correlacionar isso com Zacarias 6 e também com o ensino de Jesus em Mateus 24, acho que há boas razões para considerar isso não como uma imagem positiva de Cristo ou da conquista do evangelho, mas em vez disso, tomá-lo como uma imagem de julgamento. E veremos o que pode ser.

Uma segunda visão, outra visão comum, é que alguns tomam isto como uma referência a um futuro anticristo. Ou seja, essa pessoa cavalgando, esse cavaleiro montado no cavalo é uma pessoa real. Seria o anticristo do fim dos tempos.

E aquelas abordagens do Apocalipse que vêem os capítulos 4 a 22 apenas como futuros, muitas vezes vêem isso como o anticristo do fim dos tempos. Que depois da igreja ter sido removida, agora o anticristo surge em cena para causar estragos e problemas. Portanto, alguns veriam isso apenas como um evento futuro pessoalmente.

No entanto, vou argumentar daqui a pouco e tentar demonstrar que provavelmente não deveríamos limitar isso a uma pessoa ou evento futuro, o que me leva a uma terceira abordagem. Acho que a visão preferida é que este cavaleiro, não o escritor, mas o cavaleiro, simboliza, é simplesmente um símbolo de conquista e poder militar.

Corresponde à afirmação de Jesus de que ouvireis falar de guerras e rumores de guerra. A nação se levantará contra a nação. Reino contra reino.

E aqui encontramos um símbolo de poder militar e conquista no contexto da guerra. E na minha opinião, esta imagem cabe perfeitamente em Roma. Isto é, Roma estabeleceu a sua paz através da conquista militar e do poder militar.

Na verdade, poderíamos, talvez, a maneira de conectar isso fosse o capítulo 19, com Jesus Cristo saindo em um cavalo e vestindo um manto e saindo em um cavalo branco, para ver isso como uma paródia de Cristo. Novamente, isto deve ser visto como um reflexo pobre da conquista e uma perversão da conquista e da vitória que o próprio Jesus Cristo acabará por conquistar. Mas isto provavelmente reflecte a expansão militar, a conquista e os combates violentos que caracterizaram o Império Romano.

Talvez também reflita o fato de Roma ter tentado conquistar os santos. Mais tarde, no capítulo 12, especialmente no capítulo 13, por exemplo, veremos que Roma chega à derrota e sai e faz guerra, luta contra os santos. Portanto, o cavalo número um provavelmente se refere a Roma como um poderoso exército.

Refere-se a ele como determinado pela conquista e alcança a paz às custas da luta e da conquista. Conquista através da guerra; expande as suas fronteiras apenas através do seu poderio militar. Num certo sentido, isto pode ser uma crítica ao mito romano da Pax Romana, de que Roma proporciona paz.

E agora João, pelo contrário, diz que não, que Roma traz realmente a paz a um preço. Acho que isso também será verdade para o segundo cavalo. Roma traz a paz a um preço, isto é, através da violência e da guerra.

Isto nos leva ao cavalo número dois. O cavalo número um simboliza então o fato de que Roma está empenhada em conquistar, conquistar e guerrear e é assim que estabelece a paz. O cavalo número dois, então, o selo número dois, é um cavalo vermelho que indica e simboliza derramamento de sangue e matança.

Observe que o cavaleiro deste cavalo também recebe uma espada. Mais uma vez, o quadro aqui, na minha opinião, é que João está desmantelando uma visão de Roma. Mais uma vez, isso está de acordo com o mito da Pax Romana, de que Roma beneficia todo o seu povo.

Roma está aqui para estabelecer a paz. Roma trouxe bênçãos, prosperidade e paz a todo o império. Mas, novamente, João nos lembra que isso foi feito com um preço.

A promessa de paz de Roma tem um preço: guerra, derramamento de sangue e violência. A espada aqui, novamente, pode contrastar com a espada que sai da boca de Cristo. Sim, Roma pratica violência e realiza a conquista e alcança a vitória.

Mas Cristo, em última análise, com a sua espada o fará. Vimos essa imagem no capítulo um. Você vê isso novamente no capítulo 19.

Então, a espada provavelmente pretende contrastar com isso. Roma também empunha a espada, mas o faz com violência e derramamento de sangue. Conquista e estabelece a paz a um custo.

Portanto, Roma é retratada aqui como um império violento e sanguinário. E isso fica claro quando você começa a estudar a história de Roma. Você descobre que é um conflito, tanto externa quanto internamente.

Sim, Roma, mais uma vez, conquista nações através do derramamento de sangue. Subjugaria as nações. Trouxe paz ao império.

Expandiu seu império através da violência e do derramamento de sangue. Mas mesmo internamente, os imperadores romanos massacravam-se uns aos outros, ou a outras pessoas que consideravam uma ameaça ao trono. A disputa pelo controle e pelo trono resultou em uma interessante série de atos de derramamento de sangue e atos de violência.

Por exemplo, logo no início, em 44 a.C., Júlio César é assassinado. Depois disso, segue-se uma interessante série de eventos de rivalidade na tentativa de sucedê-lo. E encontramos história após história de rivais sendo executados.

Em 68 e 69 DC, houve na verdade uma série de três imperadores durante esse curto período de tempo que chegaram ao poder, mas logo foram mortos. A história romana é marcada por derramamento de sangue e matança para ganhar poder, controlar o mundo e espalhar seu domínio. Então, já vemos então, em contraste com a forma como Cristo vence, lá no capítulo 5, como um Cordeiro morto e abatido através de um sacrifício sofrido, em contraste, Roma vence através do seu poderio militar, através da violência e através do derramamento de sangue, e através de intermináveis conflitos e conflitos.

O cavalo número três então, equivalente ao selo número três, é descrito como um cavalo preto. E este cavalo, o cavaleiro deste cavalo vem carregando uma balança. Imediatamente, um leitor do primeiro século leria isto e reconheceria um desequilíbrio simbolizado pela escala, especialmente no comércio.

Você também pode voltar a alguns Provérbios do Antigo Testamento e de outros lugares para entender essa linguagem em uma escala injusta. A justiça foi pervertida quando a balança não foi equilibrada adequadamente em situações de comércio e comércio. E assim, ao carregar uma balança, isto sugere e simboliza que este selo e este cavalo terão algo a ver com um desequilíbrio no comércio, ou na minha opinião,

um desequilíbrio e uma perversão da justiça no sistema romano de, Romano economia e sistema romano de comércio.

E este cavalo sugere claramente sofrimento e fome como resultado disso. Pode-se ver novamente a progressão da guerra e do desejo de conquistar e do desejo de espalhar o seu governo, e através do poderio militar, do derramamento de sangue e do conflito interno, o resultado muitas vezes de tal situação seria a fome e o sofrimento para muitas das pessoas envolvidas. E então, há uma espécie de progressão aqui.

A afirmação, característica interessante deste selo é a afirmação que vem de uma voz anônima no versículo 6, onde há uma voz entre os quatro seres viventes; não está claro se esta é uma das quatro criaturas vivas, mais provavelmente uma voz anônima entre elas. Será que é o próprio Deus falando? É o Cordeiro? Não está em letras vermelhas na minha Bíblia, então não pode ser o Cordeiro; não pode ser Jesus. Não, simplesmente não sabemos quem é exatamente essa voz, e encontramos uma série de vozes anônimas no Apocalipse onde não está claro se é Deus ou o Cordeiro ou algum ser angélico? Mas o que é importante é o que esta voz diz, um litro de trigo por um dia de salário e três litros de cevada por um dia de salário, e não prejudica nem danifica o azeite e o vinho.

Agora, o que está acontecendo aqui é simplesmente isso. O que é retratado aqui parece ser uma fome, uma situação de fome em que o trigo custa o salário de um dia inteiro, ou seja, trigo suficiente para apenas uma quantidade diária de trigo. Em outras palavras, quando diz no versículo 6, onde foi isso? Um litro de trigo, traduz a NVI, um litro de trigo teria sido suficiente para alimentar uma pessoa.

E agora o autor diz que um litro de trigo equivale ao salário de um dia. Em outras palavras, algumas de suas traduções podem dizer um denário. Era bem sabido que um denário equivalia aproximadamente ao salário de um dia.

Mas alimentar uma pessoa com trigo, trigo que teria sido um alimento básico necessário, era algo comum e desejável para comer para sustentar alguém. Mas para apenas uma pessoa, quanto mais para uma família inteira, para uma pessoa a razão diária de trigo custaria o salário de um dia inteiro. E então ele diz depois disso, três litros de cevada por um dia de salário.

Três litros de cevada eram suficientes para alimentar uma família, mas também custavam o salário de um dia inteiro. Além disso, a cevada não era tão desejável quanto o trigo. Não era tão benéfico e talvez nutritivo como o trigo.

E assim, três quartos de um grão menos importante, que seria a cevada, aproximadamente suficiente para alimentar uma pequena família, também representariam o salário de um dia. Então temos esta situação em que o trigo e a

cevada são escassos. E, novamente, a imagem pode ser o resultado de uma guerra, etc., etc.

Você agora tem uma situação de fome. E agora, por causa da fome, os alimentos básicos, o alimento mais importante, o trigo, suficiente para alimentar uma pessoa, custam o salário de um dia inteiro. Portanto, não sobra o suficiente para sua família.

E três litros de cevada, que é menos desejável, mas ainda assim um alimento básico, suficiente para alimentar uma pequena família, ainda equivalia a um dia inteiro de salário. Portanto, estes preços exorbitantes para estes produtos básicos não são comida para os ricos; isso é apenas comida comum que sustentaria alguém por um dia, é escassa e o preço é exorbitante por causa da inflação. Mas há também outra parte interessante nisso.

E mais uma coisa a dizer: o trigo e a cevada não eram para os ricos, mas apenas alimento dos ricos. Era um alimento básico comum para ricos e pobres. Mas neste caso, apenas os ricos poderiam ter recursos suficientes para alimentar a sua família.

Então você começa a ver que a situação é uma economia desequilibrada. É pervertido. É opressivo.

Mas há outra coisa que é interessante. A voz também termina dizendo, não danifique o azeite e o vinho. Agora, o que está acontecendo aqui? Para alimentar uma população crescente, à medida que Roma começou a crescer e a expandir-se, a própria cidade, era necessária a importação de cereais, como trigo, cevada, milho e coisas assim.

Assim, para que Roma pudesse sustentar a sua cidade e império sempre florescentes, era necessária a importação de cereais. Mas muitas vezes isto acontecia às custas do resto do império, às custas de algumas das províncias, que muitas vezes exploravam; importariam cereais das províncias para alimentar uma população cada vez maior em Roma, o que significava que as províncias teriam menos. Além disso, onde entram o azeite e o vinho? Quando o autor diz, não toque no azeite e no vinho.

Embora alguns sugiram que o azeite e o vinho seriam alimento para os ricos, o azeite e o vinho provavelmente não se limitavam aos ricos. Novamente, isso era apenas um alimento básico e estaria lá para consumo comum, azeite e vinho. Mas a questão é que o azeite e o vinho não são alimentos básicos como o trigo e a cevada.

Então o que você tem, novamente, é algo fora de equilíbrio. Embora os alimentos básicos e necessários à vida, o trigo e a cevada, sejam escassos e tenham preços exorbitantes, apenas os ricos poderiam comprá-los, e a maioria das pessoas não o fará em uma situação de fome. Ironicamente, as mesmas coisas que não são necessárias, azeite e vinho, estão agora em abundância.

Refletido nesta linguagem, não danifique o azeite e o vinho. E o que pode estar por trás disso é isso. O que muitas vezes acontecia é que, como o comércio e a exportação de azeite e vinho para Roma eram mais lucrativos, muitos proprietários ricos de terras, em vez de cultivarem trigo, milho, alimentos básicos e coisas assim, cultivavam vinhas e oliveiras para produzir azeite e vinho, porque eram mais benéficos para o comércio.

Então, mais uma vez, temos esta economia fora de sintonia ou de cabeça para baixo, especialmente nas províncias, onde as necessidades da vida, os alimentos básicos da vida, como o trigo e ainda coisas menores como a cevada, eram escassos e tinham preços tão absorventes que a maioria das pessoas não conseguia não podemos comprá-los, enquanto coisas que não eram básicas, como o azeite e o vinho, coisas que não eram necessárias para a vida, estão agora em abundância, talvez, novamente, porque os ricos proprietários de terras achariam mais lucrativo cultivar essas coisas e exportá-las para seu próprio comércio. Então você tem uma economia ou comércio que está de cabeça para baixo, e onde agora você tem ricos proprietários de terras que se beneficiam do vinho e do petróleo, e todos os produtos básicos são escassos e não podem ser adquiridos por muitos; somente os ricos poderiam comprá-los, embora João não enfatize isso. Então você tem as coisas de cabeça para baixo; Roma acaba, a sua economia explora as províncias à sua volta, e na minha opinião então, o que João está a fazer é atacar a economia de Roma para demonstrar o que acontece quando se tem um império opressivo, ímpio, idólatra e violento que está empenhado na conquista, empenhado em estabelecer o seu próprio governo, então o que acontece não é apenas violência e derramamento de sangue, mas também fome e uma economia que está pervertida e de cabeça para baixo, e está totalmente desequilibrada e desequilibrada.

Por outras palavras, a cidade de Roma sobreviveu às custas de outras nações e às custas do resto do império. Na verdade, sabemos que ocorreram numerosas fomes em Roma. Duvido que João esteja se referindo a uma fome específica.

Há quem até sugira que esta linguagem não prejudica o azeite e o vinho. Alguns sugeriram que isso pode ter refletido um decreto de Domiciano de que todos os vinhedos fossem cortados devido à escassez de grãos; isto é, os vinhedos que seriam usados para o cultivo de vinho deveriam ser cortados e substituídos pelo cultivo de milho e outros grãos, por causa da escassez, e porque o império se rebelou contra isso, e novamente, porque os ricos proprietários de terras iriam querer cultivar essas coisas seriam muito lucrativas e benéficas, como coisas para azeite e vinho. Não tenho certeza sobre o que está refletido aqui.

Não estou muito convencido de que isto reflita o edito de Domiciano. Em vez disso, penso novamente, a voz é apenas uma forma de demonstrar e apontar a desigualdade e o desequilíbrio da economia romana como parte do julgamento de

Deus sobre o Império Romano devido, mais uma vez, à sua violência e à sua arrogância, à sua impiedade, à sua idolatria, sua inclinação para conquista e conquista, e agora isso faz parte do julgamento de uma nação por meio de uma economia que está de cabeça para baixo. Na verdade, se você ler com atenção, parece que o edito de Domiciano é exatamente o oposto do que a voz aqui está dizendo no capítulo 6 e no terceiro selo.

Assim, o primeiro julgamento do selo foi sobre o desejo de Roma de conquista e expansão do seu reino, talvez um ataque à Pax Romana. Selo número dois, como resultado disso, o seu desejo de conquista significa que alcançou a paz a um preço que é derramamento de sangue e violência, tanto externamente como talvez internamente. E finalmente, o resultado disso foi muitas vezes a fome e uma economia que estava de cabeça para baixo, e uma economia que estava desequilibrada e sem equidade e era opressiva e injusta.

E então, finalmente, o cavalo número quatro, ou o selo número quatro, que é um cavalo amarelo, e como vocês podem ver, as cores, de certa forma, são representativas do que as cores do cavalo são representativas do que acontece quando cada um deles. os cavalos partem. Mas o cavalo número quatro, então, é um cavalo amarelo que é o clímax dos três primeiros. E novamente, o cavalo amarelo é descrito como, quando ele sai, descrito como Morte, o cavaleiro é chamado de Morte, e Hades segue logo atrás.

Foi-lhes dado poder sobre um quarto da terra para matar à espada, o que resume os dois primeiros selos, e depois a fome e a peste, que resumiriam, e as feras resumiriam o selo número três, especialmente a fome, os injustos, e a peste, a economia injusta e a fome resultante da guerra. Portanto, o selo número quatro, o cavalo número quatro, estão no clímax e no resumo dos quatro primeiros. Portanto, o selo número quatro significa morte e Hades, sendo Hades o lugar dos mortos, o lugar da morte, um termo que surgirá mais tarde no Apocalipse.

Novamente, resultante da guerra, resultante da conquista, resultante do derramamento de sangue, da fome e de uma economia de cabeça para baixo, o resultado é a morte em muitas partes da terra, e especialmente dentro do Império Romano. Então, juntando tudo isto, na minha opinião, os primeiros quatro selos expõem a expansão militar de Roma, as suas práticas económicas, a sua pretensão de proporcionar paz, benefícios e prosperidade para todo o império, e estes selos, então, como o julgamento de Deus, e como o julgamento do Cordeiro sobre Roma, lembre-nos, então, que a promessa de paz e prosperidade de Roma tem um preço. Isso tem o preço de instabilidade, conflito e conflitos constantes.

Isso ocorre ao custo de derramamento de sangue, violência e morte. Acontece à custa da fome e de uma economia desequilibrada e de cabeça para baixo, e o

resultado disso é a morte daqueles que fazem parte do Império Romano. Então, você tem a imagem de um império que está sendo virado de cabeça para baixo.

De uma forma verdadeiramente apocalíptica, João está expondo Roma como ela realmente é. É realmente um império sanguinário, violento e opressor que explora outros dentro do seu império e explora outras nações e realmente não promete que a paz e a prosperidade que promete são realmente uma miragem porque no meio disso há fome e há a morte e há derramamento de sangue para manter o seu império e tentar manter o seu domínio sobre todas as coisas. Então, você encontra um império que é devastado por conflitos e guerras e derramamento de sangue e conflitos e violência e disparidades económicas e colapso.

Estes são vistos como julgamentos de Deus sobre Roma. Quero falar sobre isso daqui a pouco. Mas, novamente, é importante ver.

Penso que uma das coisas que João está a fazer é atacar as próprias reivindicações de Roma sobre o Pacto Romano e trazer paz e segurança. E assim, de volta aos capítulos 2 e 3. Como isso se relaciona com os capítulos 2 e 3? Para aquelas igrejas que querem comprometer-se com o Império Romano, para aquelas igrejas que dependem de Roma para a sua riqueza e prosperidade, para aqueles que pensam que não há problema em participar no comércio de Roma, na religião de Roma, e em aceitar as promessas de Roma de paz e prosperidade, o capítulo 6 demonstra então que, na verdade, se quisermos fazê-lo, também devemos participar nos julgamentos de Roma no capítulo 6. Em vez disso, lembra-nos que Roma não cumpre o que promete. Para os fiéis, é um lembrete de que Deus já está julgando o perverso Império Romano.

Deus já está no processo de estabelecer o seu próprio reino, começando a desfazer o reino de Roma e o império de Roma. Portanto, resista e não faça concessões. Em vez disso, mantenha o seu testemunho fiel em Jesus Cristo porque Roma já está sob o julgamento de Deus.

Agora, mais três questões para falar antes de passarmos para os dois últimos selos. Em primeiro lugar, poder-se-ia perguntar: como são esses julgamentos de Deus? Como são esses julgamentos ativos de Deus? E eu sugeriria que sim. Observe quantas vezes, com cada um dos quatro selos, começa com o cavalo sendo chamado por uma das quatro criaturas viventes.

E começa no capítulo 6, versículo 1. Observei enquanto o Cordeiro abriu os seis selos. Portanto, esses julgamentos não podem ocorrer até que o Cordeiro abra os selos e até que os cavalos sejam convocados pelos quatro seres viventes. E então observe, em alguns lugares, encontramos a forma passiva do verbo.

Por exemplo, no versículo 4, a ele foi dado. Algumas vezes descobrimos que a forma passiva foi dada, sugerindo que essas coisas só podem acontecer com permissão. Então, você tem esta imagem onde o Cordeiro e isso também incluiria os capítulos 4 e 5, onde todas essas cenas de julgamento no capítulo 6 e além, nos capítulos subsequentes, resultam e vêm do trono.

Então, o que você tem aqui é uma cena onde o Cordeiro e Deus são soberanos sobre esses eventos. Mas a questão é: como são esses julgamentos? O facto de eles saírem e conquistarem, e de haver conflitos internos, lutas, guerras e dissensões, onde há derramamento de sangue e violência para sustentar e manter o seu governo no império, e mesmo internamente para um imperador permanecer no trono, onde há fome, onde existe uma economia que na verdade está desequilibrada e desequilibrada, que resulta em fome e morte de muitas pessoas. Como é esse julgamento de Deus sobre o Império Romano? Isso não parece mais consequências naturais que acontecem quando qualquer império faz isso? Bem, em primeiro lugar, eu diria que, de certa forma, estas parecem consequências naturais que ocorrem, mas, ao mesmo tempo, Apocalipse 6 deixa claro que este ainda é o julgamento ativo de Deus sobre Roma.

Isto não é apenas Deus simplesmente virando as costas, e então Roma faz o seu trabalho, e todas essas consequências ruins acontecem. Em vez disso, acho que deveríamos ver isso talvez à luz da maneira como acho que deveríamos ler Romanos capítulo 1, onde Romanos capítulo 1 e versículo 18 começam com Deus acusando a humanidade, especialmente os gentios, por sua recusa em reconhecer Deus e por sua recusa em aceitar Deus. dar glória a Deus. Em vez disso, o que eles fazem é preferir adorar a criação; eles preferem adorar ídolos do que adorar a Deus.

O versículo 18 começa em Romanos capítulo 1 dizendo que a ira de Deus já está sendo derramada. A ira ativa de Deus, o julgamento de Deus sobre o pecado e a humanidade pecadora já está sendo derramado. Mas quando você lê o resto de Romanos, você encontra esta frase interessante, que Deus os entrega.

Três vezes, diz, Deus os entregou aos seus pecados, e Deus os entregou aos seus pecados. Então, o que acho que encontramos acontecendo aqui é algo semelhante. O julgamento de Deus sobre Roma é entregá-los ao seu pecado, entregá-los ao seu desejo de conquistar, ao facto de estarem inclinados à guerra, à sua violência, às suas práticas económicas.

Deus agora os entregará a isso, e eles certamente colherão as consequências de suas práticas más, ímpias e idólatras. Mas isso faz parte do julgamento de Deus sobre o Império Romano. E esse é o julgamento de Deus sobre qualquer outra nação ou império que absolutize o seu poder, que se apresente como Deus, que governe e espalhe o seu domínio, e mantenha o seu reino através da violência, da guerra e do derramamento de sangue.

Este, então, é o julgamento de Deus, entregando-os a esses pecados e aos efeitos desastrosos desses pecados. Uma segunda questão é se os cristãos também são afetados por isto. Quero dizer, se alguém que vivesse no Império Romano, mesmo os cristãos, não pudesse ter existido, você quase não poderia deixar de ser afetado pela guerra e pelo derramamento de sangue. Se você é um cristão que mora em Roma ou em qualquer uma das províncias romanas das sete cidades, dos capítulos 2 e 3, você não poderia deixar de ser afetado pela fome e pela peste e por algumas das coisas listadas aqui.

Então, os cristãos também não são afetados? Como podem estes ser o julgamento de Deus se os cristãos também são afetados? Uma sugestão de Greg Beal, mais uma vez, em seu comentário, acho útil. Ele sugere que, sim, os cristãos estariam sujeitos a essas coisas, mas para eles, estas não eram julgamentos, mas serviam para refiná-los, testá-los e produzir perseverança e fidelidade. Somente para os incrédulos isso resultaria em julgamento.

Na verdade, como já vimos nos capítulos 2 e 3, algumas igrejas já estavam sofrendo por causa do que Roma estava fazendo e por causa do que estava acontecendo no Império. Portanto, os cristãos não estariam necessariamente protegidos fisicamente dessas coisas, mas para eles isso não funcionaria como um julgamento, mas funcionaria como um meio de fortalecer e refinar e trazer perseverança e fidelidade ao povo de Deus e produzir perseverança no propósito de Deus. pessoas. Finalmente, número 3, o mesmo acontece com os selos, como penso que será o caso com as trombetas e as taças mais tarde, é, novamente, o que está acontecendo? Um dos temas que está ocorrendo aqui é no contexto do julgamento de Deus sobre Roma e sobre a humanidade perversa e, novamente, qualquer outro império que escolha seguir os passos de Roma é que Deus agora é visto como julgando e desmantelando esta criação atual de uma forma de um ato descritivo em preparação para uma nova criação que surgirá nos capítulos 21 e 22.

Então, ao julgar Roma e seu império e sua economia, Deus está, em certo sentido, julgando e desmantelando ou descriando este mundo atual, a fim de provocar o surgimento de uma nova criação em Apocalipse capítulo 21 e 22. Agora, isso traz o selo número 5. O selo número 5 tem um caráter muito diferente dos primeiros quatro selos, que eram quatro pragas que giravam em torno de quatro cavalos. O selo número 5 não é necessariamente uma praga.

Há uma mensagem de julgamento inerente ao selo número 5, mas o selo número 5 em si não é um registro de um julgamento ou de um evento da mesma maneira que os primeiros quatro selos, que foram identificados como os quatro cavalos. Em vez disso, no selo número 5, nos capítulos 6, 9 e 11, acho que podemos encontrar uma descrição do que acontece com os fiéis seguidores de Jesus Cristo que são afetados

pelos primeiros quatro selos. Isto é, aqueles que são principalmente massacrados ou condenados à morte pelo Império Romano.

Especialmente nos dias de João, seriam pessoas como Antipas e outros que seriam mortos pelas mãos dos oficiais nas províncias de Roma. Mas o que acontece aos afetados, aos fiéis seguidores de Jesus Cristo, que são afetados pelos primeiros quatro selos? Aqueles que foram condenados à morte por causa do seu testemunho fiel da pessoa de Jesus Cristo. Agora, a cena muda novamente da terra para o céu com o selo número 5. Novamente, respondendo à pergunta: e o povo de Deus no contexto desses julgamentos no capítulo 6? E o que este selo faz é levantar uma questão importante para o resto do livro do Apocalipse.

Essa é a vindicação do povo de Deus. O povo de Deus que sofre nas mãos de Roma pelo seu testemunho fiel. Agora, no capítulo 6, o quinto selo antecipa um tema importante.

Essa é a sua vindicação. O seu sofrimento, até à morte, o seu testemunho fiel que levou ao seu sofrimento, até à morte, deve ser demonstrado que não foi em vão. Deus vindicará o seu povo fiel que sofreu e morreu até pela sua fé.

Observe neste selo, no selo número 5, observe novamente a imagem do templo. Começa pelas almas daqueles que foram condenados à morte por causa da sua fé, agora sob o altar no selo. O altar também, este é provavelmente o mesmo altar que surgirá novamente no capítulo 8, nos versículos 3 e 5. O fato das almas estarem sob o altar, o altar provavelmente reflete o altar do holocausto no templo.

Também pode ser uma combinação do altar do incenso e do altar do holocausto. Mas o fato de as almas serem encontradas sob o altar celestial, novamente, o céu está sendo retratado como um templo. Esta é a morada de Deus.

Você encontra a contrapartida celestial na forma do altar do templo físico e nas características físicas do templo. Mas o fato de as almas estarem sob o altar provavelmente sugere a sua proteção. E o que eles fazem, aqueles que foram condenados à morte, as almas daqueles que foram condenados à morte, as almas aqui provavelmente sugerem a vida que continua mesmo após a morte física.

Assim, as almas daqueles que foram condenados à morte por causa do seu testemunho de Cristo, aqueles que foram massacrados, notam a linguagem aqui. Diz no selo número 5 que aqueles que estão sob o altar foram mortos. Essa é a mesma palavra usada para o Cordeiro que foi morto ou abatido no capítulo 5. Eles foram mortos pela mesma razão que Jesus foi: por causa da sua palavra de Deus e por causa do seu testemunho fiel ou do seu testemunho.

Fomos apresentados a esses termos no Capítulo 1. Agora, por causa de seu testemunho fiel, eles sofreram o mesmo destino que Jesus Cristo e agora suas almas estão protegidas no céu sob o altar. E o que eles fazem então é clamar por seu sangue, para que seus inimigos sejam punidos e para que seu sangue seja vingado. Agora, algumas coisas sobre isso.

Em primeiro lugar, o facto de serem encontrados associados ao altar provavelmente também considera a sua morte como um sacrifício. A linguagem do sangue associada ao altar provavelmente retrata suas mortes em termos de sacrifício, como um sacrifício. Mas a outra coisa a dizer sobre isto antes de olharmos para o clamor que eles fazem e para a resposta de Deus é que é aqui que começamos a ver a linguagem daqueles que foram condenados à morte por causa do seu testemunho fiel.

Considerando que só até agora vimos que João tem conhecimento de uma pessoa chamada Antipas que deu a vida, que morreu por causa do seu testemunho fiel. Mas uma imagem como esta provavelmente sugere que há muito mais por vir. É aqui que muitas vezes temos a ideia de que o Apocalipse se destina principalmente a ser um encorajamento para aqueles que sofrem perseguição por causa da sua fé.

E isso é realmente verdade. Mas vimos, pelo menos neste momento, que não há perseguição em todo o império. Não há nenhuma perseguição oficialmente sancionada por parte do império que saia e arraste os cristãos para as ruas, para os anfiteatros e os mate.

Isso aconteceu mais tarde, no século II, III e início do século IV. Mas neste momento, penso que João está ciente de que o conflito entre o Império Romano e a Igreja só vai piorar. E haverá muitos, muitos mais que, de fato, por causa de seu testemunho fiel, isso resultará em sua morte e em experimentar o mesmo destino de seu mestre, Jesus Cristo.

Agora, o seu clamor por vingança no versículo 10 precisa ser entendido com mais precisão, penso eu, novamente, à luz das imagens do Antigo Testamento. Este grito, quando os santos dizem: Até quando, ó Senhor, antes de julgares os habitantes da terra? Habitantes da terra é um termo importante para aqueles que habitam na terra. Isso ocorre em todo o Apocalipse em termos negativos, como aqueles que ficam do lado da besta, aqueles que estão sob a autoridade no reino de Satanás e aqueles que perseguem, resistem e se opõem ao povo de Deus.

Quanto tempo até você julgá-los e vingar nosso sangue? Eu acho que é importante ver que este não é tanto um grito de vingança pessoal contra os inimigos, mas sim um grito nos termos do Antigo Testamento, novamente, para que seu sangue seja justificado, para que sua morte seja mostrada como não sendo em vão. Em outras palavras, eles sofreram a morte. A avaliação que Roma e o mundo fazem dos cristãos tem sido a de que eles são inúteis e que podemos condená-los à morte.

O testemunho deles foi em vão. Eles sacrificaram suas vidas por nada. Eles morreram desnecessariamente e sem sentido por nada.

Eles morreram pelo que é mentira. E então o que precisa acontecer é que eles precisam ser justificados. Eles precisam mostrar que o seu sofrimento e a sua morte não foram em vão.

Eles precisam ser justificados e recompensados, o que realmente acontecerá no Capítulo 20 e nos seguintes. Mas eles sofreram às mãos do império do mal, e isso significa justiça em termos de julgamento daqueles que condenaram à morte e mataram o povo de Deus e se opuseram a Deus e ao Seu reino, mas também vindicação e recompensa mostrando que a sua morte e o seu sofrimento e a morte por causa do seu testemunho fiel não foi em vão. Na verdade, encontra-se um clamor semelhante no Salmo, capítulo 79, por vingança.

Por quanto tempo, ó Senhor, até que você aja em nosso nome? -- Oséias 1:4. Deus promete vingar o sangue do Seu povo. Então, novamente, João está retomando a linguagem do Antigo Testamento, onde Deus promete que o sofrimento do Seu povo não será em vão. Ele julgará aqueles que os mataram e os recompensará e os justificará, mostrando que seu sofrimento não foi em vão.

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu ensino sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 11, Apocalipse 6, Os Pergaminhos Selos.